Ano XXI — Julho de 1965 — N.º 243

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Tele's: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 ● Comp. e Imp.: TIPOGRAFIA VIEIRA — R. de Belém, 15 e 17 — LISBOA-3

A FIDELIDADE
— CAPITAL DE ALTO VALOR

Certos acontecimentos que ocorrem em países recentemente formados, onde chefes de governo são apeados do poder por elementos em que depositavam confiança, vêm colocar em evidência a tremenda crise moral em que o mundo hoje se debate.

Se é possível que, das mãos em que mais se confia, seja vibrado o golpe traiçoeiro, não custa fazer ideia do clima de pouco entendimento e da falta de franqueza que reina nessas sociedades. A carência de um ambiente saneado pelos sentimentos da boa convivência, onde a instabilidade, por esse motivo, tem de ser, decerto, a ordem do dia, convence-nos de que a lealdade a um princípio, a uma fé, o cumprimento escrupuloso de uma missão é uma capacidade de real merecimento, um filão das mais raras preciosidades.

Trair é, sem dúvida, uma solução cómoda, porque é caminho fácil aquele por onde se desliza para os sentimentos de baixeza e por onde se voltam as costas ao sacrifício.

O cumprimento do dever é a verdadeira renúncia ao comodismo. Jesus Cristo, quando convidava os discípulos para a obra de evangelização, punha-os de sobreaviso: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me.

Demonstrar fidelidade é atitude que reclama abnegação, firmeza e até valentia. Os cavaleiros de antanho eram homens de rija têmpera, dispostos a arrostar com todas as dificuldades e perigos. Para isso não só se exercitavam em tudo que dissesse respeito à arte da guerra, mas dedicavam um interesse muito especial àquilo que fosse servir o robustecimento do carácter. A fidelidade era a virtude que, mais que qualquer outra, distinguia esses infantes. Por respeito a ela, seriam capazes de jogar até a própria vida, porque a fidelidade era a expressão mais convincente do seu carácter varonil.

Também o Escotismo dá uma ênfase muito especial ao exercício desta virtude. Sendo a patrulha uma comunidade, toda a sua vida seria afectada se não tivesse os seus alicerces assentes na confiança mútua, na franqueza, na lealdade.

Um passo para a criação deste estado de espírito é dado pelo chefe quando, ao incumbir o rapaz do cumprimento de uma responsabilidade, o faz demonstrando uma clara e completa confiança nas possibilidades e boa vontade do escoteiro, a fim de que nele se gere a íntima convicção de que é realmente capaz de realizar o trabalho que lhe foi entregue e corresponder, assim, à confiança que nele depositaram. Não é difícil calcular o resultado que se alcançará por este salutar processo: o rapaz, lisongeado pelo crédito que lhe foi concedido, fará todo o possível por não deixar os créditos por mãos alheias, esforçando-se por satisfazer o que dele se esperava.

O valor educativo deste procedimento é devidamente reconhecido por B. P. quando afirma: Se o chefe conferir ao guia de patrulha ampla autoridade, é muito o que pode esperar dele. Deixando-lhe as mãos livres no desempenho do seu labor, terá feito mais para lhe fortalecer o carácter que qualquer estudo sobre esse assunto, por muito intenso que seja.

Não há dúvida de que o nosso sistema educativo continua a responder, com eficiência, às solicitações da hora presente. No aspecto que vimos focando, que influências poderão exercer no seu meio os indivíduos possuídos de tais dotes de carácter? Alguns países recem-formados são exemplos nada edificantes de povos em crise, onde é possível que, até dos elementos de maior confiança, possa vir a traição.

Sem homens honestos, sinceros, probos, não se pode construir uma sociedade completamente feliz, onde reine a paz e a confiança. A fidelidade é um capital do mais alto valor que só os néscios podem desprezar.

JOEL RIBEIRO

Dez milhões de escoteiros no mundo

A Repartição Mundial de Escotismo acaba de anunciar que foram alcançados os 10 milhões de escoteiros que constituíram o alvo proposto em 1957 por ocasião do Jubileu do Escotismo.

A notícia seria sensacional se não soubéssemos que os escoteiros são capazes de realizar os objectivos a que se propõem. E, convém assinalar, nestes 10 milhões não estão compreendidos os efectivos das Guias ou seja o movimento feminino, que deve contar cerca de 6 ou 7 milhões de membros.

Lamentàvelmente os Escoteiros de Portugal em nada contribuíram para este êxito. Não duvidamos da sinceridade e boa vontade de todos aqueles que em Portugal velam pela orientação do Movimento. Mas a verdade é que não assistimos aqui a qualquer progresso. Se os nossos dirigentes escoteiros desejam, como acreditamos, desenvolver o Escotismo em Portugal, temos de reconhecer que alguma coisa está errada. E, sendo assim, há que fazer uma revisão de métodos e programas e, sobretudo, evitar repetir atitudes inoperantes.

Precisamos urgentemente de participar neste surto de progresso do Escotismo. Há que fazer alguma coisa ou, melhor, há que fazer tudo o que possível for para o conseguir. É este o nosso apelo.

O Escotismo através do Mundo



Conselho Mundial do Escotismo

Tendo o sr. William D. Campbell apresentado o seu pedido de demissão do Conselho Mundial do Escotismo, foi convidado, para ocupar o lugar vago até à próxima reunião da Conferência Mundial, o sr. Thomas J. Watson Jr., presidente da Associação dos Escoteiros da América do Norte.

I Jambori Pan-Americano

Tudo se conjuga para que se revista do maior brilho o I Jambori Pan-Americano que se vai realizar, no Rio de Janeiro, de 17 a 25 de Julho próximo, e em que participarão delegações de quase todos os países da América e alguns delegados de países de outros continentes. O acampamento será levantado na área onde está sendo construída a Cidade Universitária do Rio de Janeiro, numa das ilhas da Baía da Guanabara, denominada ilha do Fundão, ligada ao continente por uma ponte. Dista 30 minutos da área central da cidade e fica nas proximidades do Aeroporto Internacional do Galeão.

Para além do seu objectivo de promover a confraternização dos escoteiros de todo o continente americano, o grande jambori integra-se nas comemorações do IV Centenário da Fundação da cidade.

A União dos Escoteiros do Brasil está publicando um boletim com todos os informes respeitantes ao grande empreendimento.

«Rover-Moot» Europeu

12.000 caminheiros de quase todos os países da Europa e também do Japão, Canadá, Libéria e dos Estados Unidos, tomarão parte no «Rover-Moot» Europeu, que começa no dia 3 de Agosto, em Stegeborg, na Suécia. Ali irá o príncipe herdeiro, Carlos Gustavo, filho do falecido soberano Gustavo Adolfo, que foi um apaixonado do escotismo.

Inclui o programa, além das actividades próprias destas concentrações, estudos biológicos e comunicações por rádio.

Antes de regressarem aos seus países, os caminheiros permanecerão durante algum tempo em lares suecos.

XX Conferência Mundial de Escotismo

Vai realizar-se de 27 de Setembro a 3 de Outubro próximos, a XX conferência Mundial de Escotismo, na Cidade do México.

Tivemos conhecimento de que, devido à grande importância de que se reveste esta Conferência, pois debater-se-ão assuntos primordiais para o Escotismo Mundial, entre os quais a escolha do novo Director da Secretaria Internacional e de alguns membros do «Comité» Mundial, a Direcção dos Escoteiros de Portugal está envidando todos os esforços para que alguns dirigentes possam estar ali presentes.

Acampamento de guias de Patrulha da Comunidade Britânica

No Parque de Gillwell, na Grã-Bretanha, realiza-se de 5 a 17 de Agosto próximo, o Acampamento de Guias de Patrulha da Comunidade Britânica, no qual tomarão parte escoteiros de todos os continentes.

Mais de 10 milhões de escoteiros em todo o mundo

O Movimento Escotista já atingiu e ultrapassou o alvo de 10 milhões de membros, eis o que nos diz o resultado do recenseamento bienal realizado no dia 31 de Dezembro último.

O número obtido é de 10 035 540 membros em todas as divisões do Movimento, o que representa um acréscimo de 7,1% sobre a situação verificada no final de 1962.

LEÃO SOLITÁRIO



Rev. Mota Sobrinho

Faleceu recentemente no Brasil o Rev. João Marques da Mota Sobrinho, que foi pastor da Igreja Presbiteriana de Lisboa entre, talvez, 1914 e 1922, orador e escritor de notável talento, tendo deixado gratas recordações entre os escoteiros desse tempo do Grupo n.º 1, a quem muitas vezes deliciou com o brilho e valor das suas palavras, tendo sido lembrado por ocasião das comemorações do Jubileu daquele Grupo.

Jean Salvaj

Em 8 de Junho passado, faleceu em Genebra, com 66 anos de idade, Jean Salvaj, presidente da Federação dos Escoteiros Suíços e recentemente eleito para presidente da Repartição Mundial do Escotismo.

A Repartição Mundial fez-se representar nos funerais pelo seu presidente honorário, o coronel John S. Wilson.

Jean Salvaj era dirigente muito prestigioso do Escotismo, sendo muito conhecido e estimado pelos dirigentes escoteiros de todo o mundo, pois a sua actividade no Escotismo Mundial era muito intensa, tendo tomado parte em quase todas as Conferências que se realizaram nos últimos anos.

Em 1950 esteve em Portugal tendo participado na Conferência de Comissários Internacionais que então se realizou no nosso país. Depois disso, esteve algum tempo no Brasil, pelo que, quando voltou a Portugal em 1959 e participou na Conferência Mundial de Escotismo, já falava fluentemente a nossa língua, tendo sido ele quem em nome da Conferência proferiu em português o discurso de agradecimento por ocasião do banquete realizado no Espelho de A'gua.

Nas suas relações com os dirigentes escoteiros portuenses, por ocasião das diversas conferências, manifestava sempre a sua simpatia pelo Escotismo Português.

Sempre Pronto endereça os mais sentidos pêsames aos Escoteiros Suíços e à Repartição Mundial de Escotismo.

SERVIÇOS CENTRAIS

Campo-Escola da Caparica

Tendo em vista a valorização do Parque Escotista da A. E. P., na Costa de Caparica, a Chefia Geral enviou a todos os grupos uma circular, exortando os dirigentes e escoteiros a executarem trabalhos para a decoração de algumas instalações daquele parque, propondo a criação de «cantos regionais» na Sala-Museu e Sede do Grupo de Formação e Treino.

A Chefia Geral fez, igualmente, distribuir pelos Grupos, para conhecimento geral, as *normas de utilização* do Parque Escotista, bem como as *atribuições do chefe de Serviço.*

Pelo interesse que representa a sua divulgação, a seguir transcrevemos, na íntegra, as normas de utilização daquele parque:

a) *A utilização só é permitida a elementos de associações escotistas devidamente identificados e com situação associativa legalizada (registo e cartão de identidade).*

b) *Não são permitidas actividades meramente campistas.*

c) *O mais graduado dirigente dum contingente (Chefe ou Guia) deverá dirigir-se ao Chefe de Serviço ao Campo, ou ao Chefe do Parque de Escotismo, ou ao seu adjunto — ou, na falta de qualquer dos anteriores, ao Mestre da Mata Nacional na sua casa em St.º António de Caparica.*

d) *Ao apresentar-se às pessoas atrás indicadas, deverá exibir e entregar o seu cartão de identidade associativo; só assim lhe será dada autorização para utilizar o Parque de Escotismo, as suas instalações e a água canalizada (tudo a título gratuito).*

e) *O facto de já estarem em campo outros Grupos ou Patrulhas, não dispensa as formalidades das alíneas anteriores; exceptua-se o caso de actividades conjuntas de Núcleos ou Regiões em que essas formalidades terão de ser cumpridas pelos dirigentes organizadores dessa actividade conjunta.*

f) *As Patrulhas ou Equipas isoladas deverão apresentar-se com uma declaração assinada pelo Chefe do Grupo respectivo, donde conste a data a que diz respeito o acompamento e alguns tópicos do programa a ser desenvolvido pelos escoteiros.*

g) *Deverá ter-se o maior cuidado durante a utilização do Parque e suas dependências, especialmente no que se refere a:*

— Cuidados com os fogos (cai sobre todos nós uma grande responsabilidade);

— Não cortar árvores, especialmente pinheiros;

— Deixar o campo limpo;

— Utilizar convenientemente as diversas instalações, procurando conservá-las limpas e em boas condições de uso. (Deverá facultar-se ao Chefe de Serviço os escoteiros auxiliares que forem necessários, dentro dum saudável espírito de serviço).

h) *A chegada ao campo, serão distribuídas a cada contingente mais pormenorizadas instruções adequadas às circunstâncias de ocasião.*

A Imprensa e o aniversário de "Sempre Pronto"

Como saudação a *Sempre Pronto* pela passagem do seu XX aniversário, o *Jornal da Costa do Sol*, publicou numa das suas últimas edições uma local com apontamentos históricos acerca de Santarém.

Agradecemos.



«No dia 22 de Abril último *(1945)*, véspera de S. Jorge, 35000 escoteiras e escoteiros dos Grupos de Paris e arredores desfilaram naquela Capital desde a Estrela à Concórdia onde lhes foi passada revista por *Lady* Baden-Powell, que foi expressamente a Paris para assistir à parada. Na revista, a viúva do nosso saudoso *Chief-Scout*, foi acompanhada pelo General Lafond, chefe geral do Escotismo Francês.

Num dos cinemas de Lisboa tem sido passado um documentário deste desfile, e é consolador ver esses milhares de jovens que, desejosos de dar o seu esforço à reconstrução da sua pátria, marcham de cabeça levantada, conscientes da sua missão.

As associações escotistas francesas tinham em 1939 um efectivo de 141 500 escoteiros e, presentemente, *(1945)*, contra tudo o que seria de esperar, o seu efectivo é calculado em 242 000 filiados. Depois do armistício, em Agosto de 1940, os alemães proibiram oficialmente o Escotismo na zona ocupada. Não terminou, por esse motivo, a actividade. Deram então início à sua vida clandestina. Sem poderem usar o fardamento e obrigados às maiores precauções, realizaram diversas actividades e chegaram a organizar até acampamentos nacionais.

Na chamada zona não ocupada, o Escotismo manteve a sua vida, mas teve de resistir a pressões políticas exercidas pelas autoridades de Vichy. Para conservarem a sua liberdade e as características do Movimento, as diversas associações escotistas criaram a Federação do Escotismo Francês com uma direcção chefiada pelo General Lafond, com o título de Escoteiro-Mor francês. Preparam agora os dirigentes franceses o Jambori de 1946 que se deve realizar em Agosto na região parisiense e deve reunir 30000 rapazes. A delegação francesa, que receberá as delegações dos outros países e foi encarregada de organizar o acampamento, compreenderá cerca de 10 000 escoteiros».

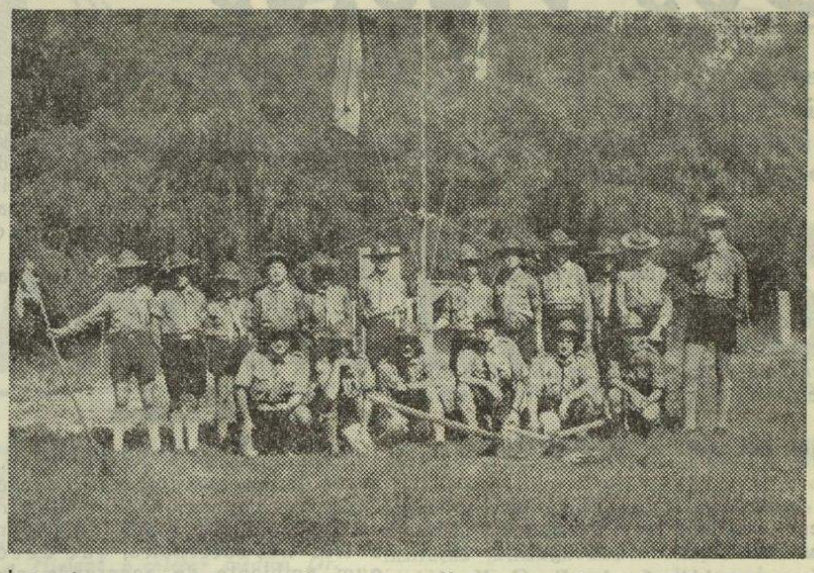
Assinantes da Província

Em virtude das cobranças pelo correio, especialmente quando constituídas por poucos recibos para a mesma localidade resultarem muito dispendiosas, em face dos aumentos que este serviço postal tem tido, somos forçados a cobrar dos nossos assinantes a despesa de cobrança, medida para a qual contamos com a já habitual compreensão dos nossos estimados amigos. Assim, de futuro, a assinatura anual de *Sempre Pronto* para os assinantes destas localidades será de Esc. 25$00.

Entretanto, os nossos assinantes que quiserem fazer o favor de nos remeter o valor da assinatura em vale de correio ou selos postais de 1$00, poderão continuar a enviar-nos sòmente a quantia de Esc. 20$00 anuais.

A Administração

CURSO DE GUIAS



Os elementos que tomaram parte no curso de preparação para guias de patrulha

Terminou no passado dia 13 de Junho o curso de preparação para guias de patrulhas, levado a efeito pela Escola de Chefes, no Parque da Caparica.

Aquele Curso, que teve diversas sessões constituídas por acampamentos de fim de semana, decorreu com grande entusiasmo por parte dos escoteiros, que tiveram excelente aproveitamento, apesar do pequeno número de participantes.

Na última sessão, o Chefe Geral-Adjunto, eng.º Nobre Santos, atribuiu as classificações finais, distribuindo prémios aos mais classificados e incitando os escoteiros a porem em prática, nos seus grupos, os ensinamentos ali colhidos.

Problemas da Língua

O inadequado de um termo

A Direcção da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, a prestimosa instituição portuense, dirigiu ao nosso distinto colaborador sr. rev. Eduardo Moreira um ofício, saudando as opiniões emitidas nesse apreciado trabalho.

Porque o assunto merece atenção, transcrevemos os seguintes períodos do referido ofício:

Para além da defesa e dignificação do idioma pátrio que V. Rev.ª proclama, é transparente a preocupação de equacionar um problema de ordem social e humana que bem merece a atenção de quantos — e deveriam ser todos — lutam pelo triunfo da equidade, da fraternidade e da justiça.

O artigo de V. Rev.ª é um libelo oportunissimo e necessário, contra aqueles que, minimizando o que de facto é válido no homem, procuram apoucá-lo, vexá-lo, relegá-lo para um plano inferior, apenas porque a sua pele apresenta coloração diferente. O circunstancial a querer impor-se ao essencial.

Sinceramente felicitamos o rev. sr. Eduardo Moreira pela pertinência da doutrina, vertida no citado artigo e pelo brilhantismo com que a expõe.

Amílcar Gonçalves Fernandes

Em visita a uma sua irmã, que reside em Porto Alegre, esteve no Brasil durante o mês de Junho passado este nosso amigo, tendo visitado em São Paulo a sede regional da União dos Escoteiros do Brasil. Aqui foi recebido pelo comissário executivo regional sr. Arnaldo Machado Florence. O nosso estimado amigo sr. Amílcar Fernandes foi portador de saudações deste dirigente regional para *Sempre Pronto*, que agradecemos e retribuímos.

Curso de explanação para Chefes e Caminheiros

No intuito de proporcionar aos dirigentes e ajudantes a conveniente revisão e treino da matéria que constitui as novas provas de classe para escoteiros, a Chefia Geral está a promover um curso de explanação, tendo em vista a melhor aplicação da referida matéria na preparação dos escoteiros.

Lamentàvelmente, aquele curso está a ser frequentado por um limitadíssimo número de dirigentes, não obstante o interesse que se depreende da sua realização. A ausência dos Chefes de Grupo e de Tribo é notória, e é pena, porque a maioria muito teria ali que aprender.

M. G.

Agentes-Correspondentes do «Sempre Pronto»

SINTRA

A fim de obter uma melhor participação de todos os dirigentes do Grupo n.º 93 nos trabalhos escoteiros, o nosso antigo correspondente sr. Miguel Raposo Bicho, chefe daquele Grupo, propôs-nos a sua substituição como nosso Agente-Correspondente naquela vila pelo nosso antigo e dedicado assinante sr. João Henrique Pereira Soares, antigo chefe daquela unidade escoteira.

LUANDA

Por proposta do nosso estimado colaborador sr. António Augusto da Silva e Cunha, que nos prometeu trabalhar pela difusão do «S. P.» em Angola, foi nomeado nosso Agente-Correspondente em Luanda o sr. Carlos do Nascimento Pescada, chefe de divisão do Grupo 36, daquela cidade, e antigo elemento do Grupo n.º 6, de Olhão.

Damos as boas vindas aos nossos colaboradores e desde já lhe agradecemos os bons serviços que, estamos certos, nos vão prestar.

Dos Açores

Comemorações do Dia do Escoteiro

Rádio Clube de Angra

Na noite de 23 de Abril, o E. C. Moniz Silva fez uma palestra aos microfones do Rádio Clube de Angra, subordinada ao tema «Como se combate o Dragão do Mal».

Também as «Notas do Dia» de *A Voz da Terceira* tiveram por tema o Dia do Escoteiro e a Fraternidade Escotista.

Antigos Escoteiros de Portugal

No salão de festas do Sport Clube Angrense realizou-se o jantar anual dos antigos Escoteiros de Portugal.

Sob a presidência do E. C. Moniz Silva, delegado da Fraternal nos Açores, estiveram presentes os companheiros srs. dr. Henrique O. Braz, dr. H. Henriques Flores, dr. Francisco M. Pereira, arq.º Fernando de Sousa, Comandante Álvaro Cardoso, Eduardo Gomes da Silva, Norberto B. Borba, António D. Ferreira, prof. Leopoldino Tavares, Valdemar Mota, Homero Figo, Ludgero Moreira, Henrique T. Sousa, Manuel T. Sousa, e Aurélio Bett. Borges.

O jantar decorreu no costumado ambiente de amistosa convivência, fazendo-se afirmações deveras interessantes quanto ao valor do movimento escotista.

O delegado da Fraternal congratulou-se com a comparência dos companheiros presentes, a quem saudou, e duma maneira especial os companheiros Eduardo Gomes da Silva, Norberto Borba e Virgilio P. Toste (este ausente, por doença), que já se encontram inscritos na Fraternal, e deverão constituir a respectiva Sub-delegação Regional em Angra do Heroísmo.

Lembraram-se os companheiros das restantes ilhas dos Açores, e duma maneira especial os de S. Miguel, onde já se encontram registados os companheiros Rolando da Costa, Domingos Correia e Deodato Furtado, que irão constituir a Sub-delegação de Ponta Delgada.

Sede do Grupo 52

A noite, realizou-se a reunião mensal do Grupo. Entoaram-se canções e vários elementos deram testemunho da sua actividade escotista. A reunião foi iniciada pelo chefe Moniz Silva e encerrada pelo prof. Leopoldino Tavares, que dissertou sobre o Dia do Escoteiro.

Reunião de Escoteiros e Famílias

No domingo, 25, após a Missa, na Paroquial de Santa Luzia (onde uma delegação do 52 fez a guarda-de-honra ao altar), promovida pela Patrulha «Andorinha», com a comparência de escoteiros, dirigentes e famílias, realizou-se uma reunião íntima comemorativa do dia de S. Jorge.

Da reunião que teve lugar na Cantina da Escola Infante D. Henrique constou um programa de canções, pantominas e outras brincadeiras escotistas, rematando com a entrega de estrelas de serviço aos escoteiros.

Rádio Clube de Angra

No domingo, 2 de Maio, e incluído na rubrica «Acontecimentos mais relevantes do mês de Abril», foi lida aos microfones de «A Voz da Terceira», a Nota do Dia 23 de Abril, alusiva a S. Jorge e ao Movimento Escotista, e feita referência à palestra do E. C. J. R. Moniz Silva, que voltou a ser transmitida em parte.

Representações

Seminário Diocesano

Promovida pela Academia D. Bernardo de Vasconcelos, realizou-se a 16 de Maio, no Seminário Episcopal de Angra, uma interessante sessão de homenagem a três neo-sacerdotes, que decorreu num ambiente de acentuada elevação moral.

O Chefe Moniz Silva do Grupo n.º 52 esteve presente, a convite do Clã «Bento de Góis» do C. N. E.

Junta Geral do Distrito

No dia 22 de Maio, e promovidos pela Junta Geral de Angra do Heroísmo, realizaram-se diversos actos de homenagem ao Patrono do Distrito — o Mártir Terceirense, Beato João Baptista Machado — que culminaram numa sessão solene no salão nobre da Junta Geral, presidida pelo Governador do Distrito, e em que foi orador Sua Ex.ª Rev.ma o Patriarca das Índias, D. José Vieira Alvernaz.

O Chefe Moniz Silva esteve presente como Dirigente do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal.

Dia das Forças Armadas Americanas

Exposição Escotista

Durante as actividades comemorativas do Dia das Forças Armadas Americanas, realizadas a 29 de Maio no Aeroporto das Lajes (Base Aérea n.º 4), o Grupo n.º 52 de Angra do Heroísmo, apresentou na área das exposições, uma exposição especial, de carácter escotista, composta por trabalhos manuais executados por Escoteiros do 52 e por livros e publicações escotistas portuguesas.

Para esse fim, deslocou-se às Lages o Chefe Moniz Silva e uma Delegação do Grupo.

O SISTEMA DECIMAL NA GRÃ-BRETANHA

Seguimento da página 8

Esta decisão terá influência no custo de vida que sofrerá um aumento, ainda que muito limitado.

Na base destes dados, certamente que os nossos comentários ao facto da Grã-Bretanha continuar ainda apegada ao seu velho sistema monetário serão mais objectivos e nem tudo será levado à conta de espírito conservador.

FUNDAMENTOS DO MÉTODO ESCOTEIRO

Tradução do sr. Eng.º J. M. Nobre Santos do folheto «Fundamentals of the Scout Method»

(Continuação do n.º 230)

Uma ideia difícil

Não é de surpreender que B.-P. visse necessidade de explicar o significado do Sistema de Patrulhas de vez em quando, repetidas vezes.

A forma normal de instrução é feita por meio de palestras e leituras. Esta é a maneira mais fácil do professor se desempenhar da sua missão. O instrutor volta a casa sentindo que fez alguma coisa; mas põe-se uma questão: «Terá o rapaz feito alguma coisa» e terá ele posto alguma das suas faculdades em acção e deste modo desenvolvido as suas próprias habilitações e carácter?

Nada de métodos para as multidões

B.-P. era fortemente adversário de todos os métodos de treino ou ensino que fossem aplicados a grandes massas humanas.

Falando acerca de acampamentos de Escoteiros, disse:

«Devem ser pequenos, não maiores do que para um Grupo e mesmo assim cada Patrulha deve ter a sua própria tenda, separada das outras a uma certa distância delas. Isto com vista ao desenvolvimento da responsabilidade do Guia de Patrulha em relação ao seu próprio agrupamento».

Deste modo, também fazia pequeno uso dos exercícios rotineiros. Em *«Escotismo para rapazes»* escreveu:

«Os exercícios militares de marcha unida tendem a destruir a individualidade, enquanto nos escoteiros nós queremos desenvolver o carácter individual; a partir do momento em que o rapaz aprendeu o exercício, a sua repetição aborrece-o, fazendo com que suspire pela passagem a qualquer outra tarefa; isto faz embrutecer a sua vivacidade. O nosso objectivo é fazer dos nossos escoteiros homens do tipo dos exploradores florestais e não imitações de soldado».

B.-P. reconheceu que será necessário assegurar aos escoteiros alguma prática na aprendizagem de se conservarem com propósitos e aprumo quando reunidos em grandes concentrações, mas isto é muito diferente dos exercícios de marchas como um elemento regular de treino. Assim, ele advertiu os Chefes Escoteiros:

«Insisti na disciplina e numa obediência rigorosas, nos mais pequenos pormenores; deixai-os correr alvoraçadamente só quando lhes deixardes tempo livre para isso, o que é bom para todos de vez em quando».

Mesmo para o treino físico, preferiu

UMA HEROÍNA DE DOZE ANOS

DOS MAIS NOVOS VEM O EXEMPLO

Todo o país seguiu emocionante a tragédia que, no dia 29 de Junho passado, vitimou quatro membros de uma humilde família de Entre-os-Rios, lugar próximo de Penafiel, onde o derramamento da gasolina de um bidão deu origem a um terrível incêndio.

Uma rapariguinha de 12 anos, dando mostras de uma notável decisão e presença de espírito, quando viu a casa envolvida em chamas correu para um irmãozito de 4 anos e, indiferente ao perigo, conseguiu arrastá-lo para fora do braseiro.

Ofegante, ainda tentou levar socorro ao pai, mas já nada pôde fazer porque num instante a casa era pasto das chamas.

Chama-se esta heroína Maria Fernanda de Melo Araújo. O seu acto de valentia, pelo qual ainda recebeu algumas queimaduras, é um exemplo em que todos devemos meditar.

Este jornal, que já tem chamado a atenção para outros actos de bravura praticados por adolescentes, lamenta que a decisão e valentia da Maria Fernanda não tivessem sido suficientes para salvar os pais e as irmãzitas. O seu gesto, contudo, além de nos comover, é digno de ser apontado a todos os escoteiros da nossa terra, como uma demonstração genuína de sacrifício e de amor.

A Lição do Árabe

— Meu fiiho, — disse um árabe — vai depressa à fonte encher esta cesta de água, e traze-ma.

A criança obedeceu, mas voltou daí a pouco com a cesta vazia.

— Eu desejava obedecer e fiz o possível por trazer a água, meu pai, mas ela não fica na cesta.

— E' verdade, — disse o pai. — Mas vê tu como a cesta agora está limpa!

E' impossível reter na memória todas as boas coisas que se lêem, mas sempre deixam seus efeitos nos nossos corações. Se são realmente boas, purificam pelo menos os nossos pensamentos.

LEOPOLDINA R. CONCEIÇÃO

obter o progresso fazendo com que o rapaz fosse o responsável directo pela sua própria saúde e pelo desenvolvimento do seu vigor físico por meio de exercícios pessoais e práticas próprias, executadas durante os tempos disponíveis. As actividades de ar livre do Escotismo proporcionam o meio natural de promover a saúde e a aptidão física.

Deste modo, volta-se ao sistema de Patrulhas — «a chave do êxito», como B.-P. lhe chamou. Por este método é dado a cada escoteiro um tratamento individual e cresce a sua responsabilidade nos negócios da Patrulha e Grupo, bem como a confiança em si próprio, que passa a ser um factor activo do cidadão que se está formando.

(Continua)



PARENTESCOS

Francisco Palhares Balsemão, proprietário de uma pequena mercearia em Abrantes, tinha por vezes umas pequeninas vaidades.

Assim, certa vez em que houve uma recomposição ministerial e foi nomeado para a pasta da Saúde e Higiene o célebre médico Dr. Jorge Palhares Balsemão, chegou à loja, radiante, exibindo o jornal da manhã.

Não tardou que o Jerónimo, barbeiro da terra, que ia, diàriamente, à tenda do Balsemão, ler as notícias, ao ver, na primeira página, em letras gordas, a nomeação do ministro, perguntasse, com certo ar de dúvida, ao comerciante:

— Este Dr. Balsemão é seu parente, senhor Francisco?

— Com certeza. — respondeu o mercieiro, todo ufano — É, salvo erro, meu primo em terceiro grau. Já vê que é parente muito chegado...

— E ele conhece-o, a si? — indagou o barbeiro, um tanto duvidoso ainda.

— Se me conhecece? Então, não havia de conhecer?! Nós até brincámos em pequenos. O Jorge? É uma jóia de rapaz. Tenho tudo o que quiser dele. Mas mesmo tudo... Você já vê, ministro...

Daí a uns meses, o jornal publicava uma notícia, lida, com muito interesse, pelo Jerónimo. Relatava que fora descoberto um importante desfalque no Banco da Indústria, efectuado pelo funcionário Mário Palhares Balsemão, que, para cometer tal fraude, havia viciado determinados documentos, falsificando a assinatura de um dos directores. O jornal dava conhecimento de numerosos pormenores sobre a burla.

Dada a semelhança de apelidos, o barbeiro perguntou:

— Ó senhor Francisco, este tipo do Banco é seu parente? Também é Palhares Balsemão...

— Isso sim! Nem todos os Palhares Balsemão são da minha família. É apenas uma coincidência de apelidos. Então você, ó Jerónimo, queria que eu fosse parente de um burlão, de um falsificador?...

Jerónimo coçou a cabeça, como costumava fazer quando não tinha resposta pronta a dar. Mas, depressa se recompôs:

— Aqui o jornal diz que o homem é natural de Lagos. Ora o senhor Francisco também é da mesma terra...

— Pois sim. Mas nem todas as pessoas que nascem no mesmo local são parentes, não lhe parece? Sabe que mais, amigo, mudemos de assunto...

Passados tempos, Jerónimo veio a Lisboa tratar de uma demanda. O advogado, o Dr. Mota, ao saber onde ele residia, perguntou:

— O senhor conhece, em Abrantes, um indivíduo chamado Palhares Balsemão?

— Conheço muito bem. — respondeu o barbeiro. — Tem uma pequena tenda, mesmo ao lado da minha loja. Diz até que é parente do Ministro da Saúde...

— Qual história! — exclamou o Dr. Mota, rindo-se. — Isso diz ele para se dar ares. Não lhe é nada, como se contuma dizer nem da água nem do sal. Conheço perfeitamente o Francisco, porque foi meu condiscípulo na instrução primária. Ele foi sempre muito estúpido, mas com a mania das grandezas. O irmão dele, o Mário, era mais esperto, embora a esperteza de nada lhe valesse...

— Mas o Francisco tem algum irmão? Nunca lhe houvi falar nele... — observou Jerónimo.

— Pois tem. É o Mário, aquele que fez o desfalque no Bacco da Indústria...

Jerónimo caiu das núvens:

— Pois olhe, o Francisco diz a quem o quer houvir que não tem qualquer parentesco com o Mário...

— Pois são irmãos, meu amigo. Filhos do mesmo pai e da mesma mãe. Conheço bem, tanto a família dele como a do ministro. Com este há só a coincidência dos nomes, nada mais.

Então, Jerónimo concluiu:

— O que eu já percebi, sr. doutor, é que das pessoas importantes todos querem ser parentes.

— Essa é que é a verdade, senhor Jerónimo — retorquiu o advogado. — E já reparou que os assassinos, os amigos do alheio, os falsificadores, todos aqueles, enfim, que caem nas malhas do Código Penal, não têm família? Veja lá se alguém se diz parente deles...

*

Desta história concluem os leitores que devemos pôr a verdade acima de tudo. E se, por infelicidade, um parente nosso cair nas malhas da lei por actos que a honra e a justiça condenam, não devemos negar o nosso auxílio — uma das obras de misericórdia é visitar os encarcerados *— nem o nosso parentesco. O facto de eles terem falhado não quer dizer que nós não sejamos pessoas honestas e idóneas. E é quando um homem cai que mais necessita de amparo para se erguer...*

Além disso, se nós conseguíssemos conhecer a nossa árvore genealógica, que mergulha na noite dos tempos, certamente encontraríamos, entre os avós dos nossos avós, ao lado de heróis e santos, piratas e salteadores de estrada. E, hoje, passados tantos séculos, não podemos enjeitar nem uns nem outros. Todos são nossos avós...

Da mesma forma, também, não devemos esquecer que, uma família que se diz nobre, figuram fidalgos e plebeus, cardeais e frades, milionários e mendigos. Basta dizer que, nos antepassados de todos os reis da Europa e do imperador do Brasil, *figura um modesto sapateiro de Veiros, Pedro Esteves, o* Barbadão, *avô materno do primeiro duque de Bragança, ascendente plebeu a quem el-rei D. Carlos se referia, por vezes, e muito respeitosamente...*

Manuel Ferreira

Exemplos Escoteiros

A missão da Cruz Vermelha

Pretendo ràpidamente, e o mais claro possível, responder a um jovem escoteiro que nos pergunta qual a missão principal da «Cruz Vermelha», altruísta e simpática organização que, em Portugal, comemorou recentemente o seu primeiro centenário. Eis um pouco do que sabemos a seu respeito:

A Cruz Vermelha foi um dos muitos movimentos altruístas criados no século passado.

A Cruz não é aqui o símbolo duma religião, mas da piedade humana, tão profundamente sentida por Henri Dunant na célebre batalha de Solferino.

Eis como ela fala de si própria por intermédio duma das suas numerosas secções:

«Eu sou a Cruz Vermelha. Nasci da compaixão humana. A minha missão é feita de bondade, doçura, de piedade. Sou o anjo da guarda da humanidade. Não faço nenhuma distinção entre as raças, as nacionalidades e as religiões. Semeio a preciosa ventura e as melhores virtudes do altruísmo. O meu fim é enaltecer o género humano. Encontro a recompensa na gratidão de todos os que sofrem: doentes, viúvas, órfãos, infelizes, deserdados da vida, que eu tomo sob a minha protecção. O meu esforço não conhece repouso. Marcho na luz sem temer as trevas, sem recear os obstáculos e as dificuldades. Afronto os perigos da guerra. Alivio os males dos combatentes. Levo-lhes o reconforto. Cuido dos que caem. Curo os feridos, penso as suas feridas e diminuo os seus sofrimentos. Enterro os mortos e velo sobre os seus túmulos.

«Transponho todos os lares; estou nos hospitais; entro na morada dos ricos e na mais miserável choupana. Nenhum perigo de contágio me tolhe. Velo sobre a infância, ajudo os da idade madura, sustento a velhice. Visito os doentos. Assisto aos inválidos e consolo os aflitos. Guio o cego para a luz. Reeduco os mutilados. Combato as epidemias. Intervenho nas calamidades. Luto contra a miséria, a doença, a desgraça. Dou asilo aos que não têm abrigo. Alimento os esfaimados, visto os pobres. Protejo as mulheres e as crianças sem amparo, etc. etc.».

A juventude e a «santa» Cruz Vermelha

Sim, a juventude, muito especialmente a de até há 20 anos, sempre se interessou por esta sublime missão. Foi, se bem nos recorda, em Quebec, no Canadá, que foi lançada a ideia da Cruz Vermelha da Juventude.

Organizada a princípio para preparar pensos e auxiliar as remessas de medicamentos destinados aos feridos das guerras, tomou, após a primeira guerra, uma feição bem mais altruísta e lata.

Nos Estados Unidos, o movimento atingiu um desenvolvimento enorme e os seus dirigentes e os professores aproveitaram o entusiasmo das crianças para minorar a sorte das vítimas infelizes desse monstro. Assim, na primavera de 1919, iniciou a sua obra de socorro à Europa: trocaram-se cartas de amizade, acompanhadas de auxílio de toda a ordem e foram tais os laços de amizade estabelecidos entre as crianças que, ainda hoje, já todos muito adultos, as mantêm. A sua divisa era «SERVIR» e procurar, dentro desta norma, realizar os três fins da Sociedade-Mãe, que ela transformou em saúde, auxílio mútuo e felicidades ou, então, Alegria, Amizade e Saúde.

Como podem analisar todos os escoteiros, esta era uma organização voluntária que dava às crianças e aos adolescentes a ocasião de se expressarem por si próprios, tal qual fazem todos os que têm a felicidade de envergar a blusa e o calçado escotistas.

Eugénio Ribeiro Nunes

Vale a pena!

Neste mundo de beleza.
De cor, de forma, de cheiro,
Dos Reinos da Natureza,
«Vale a pena ser escoteiro».

*

Num mundo que se apresente.
Egoísta e interesseiro,
Devido a uma certa gente...
«Vale a pena ser escoteiro».

*

Onde há mal... que eu faça o bem!
Se há bem, que eu seja o primeiro,
E os outros digam também:
«Vale a pena ser escoteiro».

E. M.

Pedro Álvares Cabral e a Descoberta do Brasil

Na palestra do nosso estimado colaborador sr. Luís Simões Aurélio que, sob o título acima, publicámos no último número, registou-se uma «gralha». Assim, quando se refere à linha demarcatória instituída pela bula de 4 de Maio de 1493 do papa Alexandre VI, deverá ler-se *100 léguas a oeste dos Açores e Cabo Verde*, tal como foi dito, e não Açores e Canárias, como veio publicado,

Pedimos desculpa do lapso.

O aniversário de «Sempre Pronto»

O nosso prezado amigo sr. Vítor de Lima e Santos, dig.mo Comissário Internacional do Corpo Nacional de Escutas, dirigiu-nos uma carta a felicitar-nos pela passagem do nosso aniversário da qual respigamos os seguintes passos: *«...permita que, com um fraternal abraço, exprima a minha sincera admiração pela sua devoção, tenacidade, generosidade e fidelidade à Causa Escotista portuguesa, qualidades magníficas estas expressas na continuada existência do jornal durante tantos anos com inúmeros sacrifícios e lutas, e desejar-lhe a si e a todos os que consigo trabalham «ad multos anos!» a bem do Escotismo e da Juventude portuguesa».*

Agradecemos as generosas palavras deste nosso prezado amigo e pedimos-lhe o obséquio de testemunhar a nossa gratidão à Junta Central do Corpo Nacional de Escutas, de quem também nos enviou as felicitações.

De Sintra

Comemorações do 31.º aniversário do Grupo N.º 93

Em virtude de diversos escoteiros deste Grupo se encontraram ocupados com os seus exames escolares, foi resolvido adiar os principais actos das comemorações do 31.º aniversário do 93. Entretanto, o Grupo não quis deixar de assinalar a data e efectuou algumas actividades.

Escola de Trânsito Shell

Em 17 de Junho passado, procedeu-se na sede do Grupo à distribuição dos prémios pelos concorrentes premiados neste concurso, de que demos oportunamente notícia. Nessa ocasião prestou Compromisso de Honra o aspirante João Pedro Mendes da Ponte.

Acampamento

Na Quinta Rosa Branca, gentilmente cedida, realizou-se em 19 e 20 de Junho passado um acampamento do grupo, no qual se dignaram comparticipar dirigentes e escoteiros dos Grupos 5, 10 e 94 de Lisboa. Estiveram de visita a este acampamento os srs. eng.º José M. Nobre Santos, escoteiro-chefe-geral adjunto, e António Viegas Custódio, chefe do Grupo n.º 12, de Oeiras.

Confraternização

Em 24 de Junho, exactamente a data do aniversário, reuniram-se na sede os escoteiros e antigos escoteiros do Grupo para lembrar aquela data. A todos foi servido um beberete. Foi lida uma mensagem do escoteiro e secretário do Grupo, sr. António da Silva e Cunha, que se encontra em A'frica, que enviava saudações a todos os escoteiros e afirmava que oferecia ao seu Grupo uma boa acção que tinha podido efectuar a favor do Grupo 36, de Luanda.

Nesse dia, prestou compromisso de honra o aspirante Américo Condeço.

Jantar de Antigos Escoteiros

No Hotel Central, realizou-se, no dia 26, um jantar de confraternização, no qual se inscreveram antigos escoteiros do Grupo, que alegremente pagaram a sua refeição para terem a oportunidade de se reunir com os seus antigos companheiros. — *C.*

Dos amigos de "Sempre Pronto"

DE VIAGEM — O nosso bom amigo sr. dr. Leopoldo de Figueiredo partiu em Maio passado para Londres, onde foi submeter-se a tratamento da enfermidade de que se encontra em convalescença. Desejamos-lhe o melhor êxito e um restabelecimento completo.

DIVULGAR «SEMPRE PRONTO»
É DAR A CONHECER O MOVIMENTO
ESCOTISTA EM PORTUGAL

Posto de Observação

Dirigentes precisam-se

«O primeiro imbecil que chega pode dar ordens, mas para ser chefe é preciso saber conduzir os homens» — B. P.

É um facto incontroverso a falta de dirigentes na nossa Associação.

Paradoxalmente, porém, existem chefes a mais, se obtivermos uma proporção com o número de escoteiros no activo.

O problema apresenta-se, assim, bastante mais complicado, pois, por um lado, faltam dirigentes e, por outro, há chefes de grupos onde não existem escoteiros.

Acaso deixou o Escotismo de possuir atractivos para a juventude portuguesa?

Qual a razão desta incongruência?

À segunda pergunta, fàcilmente respondem todos aqueles que conhecem suficientemente o Movimento e sabem quanto se mantém actualizado para merecer o interesse dos jovens, ideia que tem sido confirmada pelas fugazes experiências que, de quando em quando, se fazem. Façam-se actividades com interesse e os jovens surgirão cheios de entusiasmo.

Fica-nos, portanto, a primeira pergunta a exigir resposta satisfatória, a qual só poderá surgir da análise atenta do que se faz, do que se pensa e do que se promete fazer no Movimento Associativo.

São precisos Chefes para haver Escotismo, diz-se.

Há falta de chefes confirma-se.

Mas de chefes habituados a dirigir rapazes e a orientar actividades que possuam interesse verdadeiramente escotista, entenda-se.

A Escola de Chefes, único sector de certa actividade no nosso movimento, encara este problema de frente e, mercê do esforço e dedicação da sua reduzidíssima equipa, procura solucioná-lo, o que infelizmente não consegue.

E porquê, se não está em causa a utilidade dos Cursos nem o interesse e aplicação dos instrutores?

Simplesmente, porque não existem candidatos.

Observo o mesmo problema e penso que estamos a complicar demasiado um Movimento estruturalmente simples e de métodos extraordinàriamente compreensíveis.

Acaso se preocupou B. P., ao fundar o Escotismo, em garantir antecipadamente um escol de dirigentes que cumprissem escrupulosamente o seu programa?

Pelo contrário, lançou a ideia directamente aos jovens e ficou durante algum tempo a apreciar como a passiva Inglaterra se apaixonava pelo Movimento, que ràpidamante se alastrava a todo o Mundo.

Só depois curou de garantir uma continuidade ao Movimento, procurando discipliná-lo e transformando-o num elevado ideal.

Nós há muito que nos afastámos desta ideia simplista, tornando a orientação do Escotismo em tabu só acessível a alguns, que continuam teimosamente a pensar que só eles sabem dirigir o seu grupo, sem cuidarem da preparação dos seus continuadores, o que deve ser no Escotismo a principal preocupação de quem dirige.

Esta tem sido, a meu ver, a razão principal da crise que vimos sofrendo.

As demasiadas estrelas de serviço que ostentam alguns chefes de grupo, em vez de contribuirem para aumentar o prestígio do Movimento, só têm provocado o seu depauperamento.

É necessário que nos convençamos todos de que o escotismo é um movimento para a juventude. Os «velhos» só cá deverão permanecer até que outros mais novos os possam substituir.

Há pois necessidade de formar dirigentes.

Mas o local mais indicado para a formação de novos dirigentes é o próprio grupo. Para isso têm de existir grupos, mas grupos com actividade. Os cursos propiciarão o seu aperfeiçoamento técnico e completarão a obra que só o «velho» chefe soube erguer, formando o espírito de verdadeiros Escoteiros, verdadeiros chefes.

MARIANO GARCIA

AMAR O PRÓXIMO
COMO A NÓS MESMOS

Amar o próximo como a nós mesmos *deve estar presente em todas as criaturas.*

Acontece, porém, que, dados os preconceitos da Sociedade, tão salutar princípio vive, se é que vive, em meia dúzia de jovens que praticam o escotismo, cuja semente foi lançada por Baden-Powell, o homem que, militando no exército, era dotado de alma sã e corpo são, sabendo diferenciar a luta das armas, necessária pelo atraso espiritual da Humanidade, da luta de pensamentos elevados para se conseguir a paz que Cristo pregou.

Necessitamos, todos o reconhecem estamos convencidos, criar escoteiros como Baden-Powell que abraçava gregos e troianos, procurando que em cada ser humano se desenvolvessem sentimentos altruístas, tendentes à formação de um mundo melhor.

Mas as criaturas da época que passa persistem na diferenciação, prejudicando grandemente o progresso social que se impõe. Para nós vale o que mais elevadamente pensa e não o que mais bens ou posições terrenas possui. Baden-Powell disfrutava de posição e bens terrenos, mas tinha em si algo mais, do que muitas criaturas não se apercebem: — Era possuidor de uma alma elevada.

Procuremos, pois, todos proceder como Baden-Powell, aproveitando cada um dos conhecimentos de que disponha para aumentar os do seu semelhante. E talvez assim possamos vir a viver o salutar princípio, filho da doutrina de Cristo: Amar o próximo como a nós mesmos. — **Joaquim de Sousa Piscarreta**

Assinantes patrocinadores

O sr. prof. dr. João Faria Lapa, que já tínhamos a honra de contar entre os nossos assinantes patrocinadores, mais uma vez demonstrou a sua simpatia por este jornal ao pagar a sua assinatura com a importância de Esc. 100$00.

Agradecemos a este nosso distinto amigo a sua cativante generosidade.

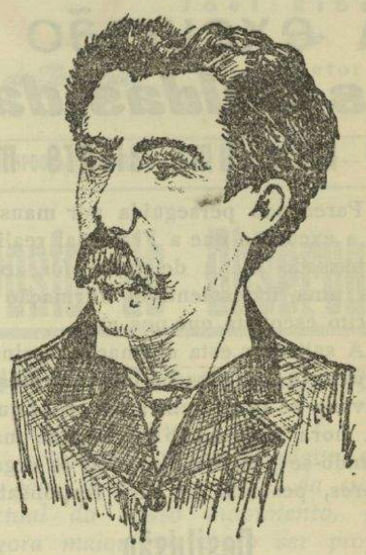
NASCIMENTO

O lar da sr.ª D. Maria de Lurdes Gonçalves Morais e de seu marido, o nosso estimado amigo e assinante sr. Armando de Almeida Morais, chefe de tribo no Grupo n.º 94, foi enriquecido com a chegada do seu primogénito no dia 6 deste mês.

Dando os parabens aos felizes pais, fazemos votos de muitas felicidades para o novo «lobito».

Concurso
"VALORES HUMANOS"

FIGURA N.º 5



Este célebre médico nasceu em 1843.

Tendo vindo para a capital, por morte de seus pais, iniciou em 1856 os seus estudos na Escola de Farmácia e, alguns anos mais tarde, o curso de Medicina, para cuja formatura apresentou uma tese que ficou célebre: *O pneumogástrico preside à tonicidade da fibra muscular do coração.*

Em 1868, entrou para a Escola Médico-Cirúrgica, como demonstrador, mas quatro anos mais tarde já era lente nesse estabelecimento. Começava, assim, uma carreira na qual se iria notabilizar.

Com outros cientistas do seu tempo, foi encarregado de organizar a *Farmacopeia Portuguesa* e a reforma do *Formulário dos Medicamentos*, trabalhos em que revelou os seus admiráveis conhecimentos.

Tomou parte em diversas reuniões internacionais, como delegado do seu país.

Na sua clínica, recebia não só os clientes abastados, mas também os pobres, a quem nada cobrava pela consulta. Os seus dotes humanitários manifestaram-se ainda no carinho que dispensava aos mais desprotegidos. Assim, era vulgar ver-se este grande médico percorrer a pé as ruas mais miseráveis da cidade e entrar nas casas humildes, onde famílias inteiras se debatiam com a doença. Aí deixava o dinheiro que era preciso não só para adquirir os remédios que receitava, mas também para acudir às necessidades mais instantes. Foi, por isso, justamente chamado *o pai dos pobres.*

Publicou vários livros e numerosos artigos em jornais sobre os estudos a que se dedicava.

Em 1897 morria este grande homem de ciência, vitimado por cruel doença. O seu saber, eloquência e bondade constituíam a admiração não só dos seus compatriotas, mas também dos meios científicos de diversos países, com os quais teve oportunidade de contactar.

***ATENÇÃO:** A resposta a esta nótula biográfica pode ser-nos remetida até final do próximo mês de Agosto.*

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Número 243

★

JULHO de 1965

A excursão da FRATERNAL às Caldas da Rainha

foi mais uma alegre manifestação de companheirismo

Parecendo perseguida por maus fados, a excursão que a Fraternal realizou no passado dia 4 de Julho foi, afinal, mais uma indesmentível afirmação do espírito escotista que nos une.

A salientar esta afirmação, assinale-se o facto de todos os componentes da caravana se prestarem a aguardar quase uma hora pelo início da viagem, manifestando-se pesarosos quando os organizadores, pesando as suas responsabilidades, se decidiram a partir sem um companheiro, atrasado por força de uma avaria na linha da C. P..

Porém, a tenacidade verdadeiramente escotista do companheiro António Pinto, levou-o a perseguir a caravana alcançando-a já longe de Lisboa, o que provocou uma explosão de alegria e calorosa recepção de simpatia.

Foi, pois, em ambiente de franca alegria que, a partir daí, decorreu o passeio. Após uma breve paragem em Torres Vedras, seguimos para a formosa vila de Óbidos, que percorremos interessados, procurando com entusiasmo os locais de maior interesse histórico ou artístico, apontados momentos antes numa elucidativa resenha lida pelo companheiro Júlio de Almeida Nogueira. Os mais corajosos, e foram quase todos, não se dispensaram de trepar à vetusta muralha, que percorreram em toda a sua extensão, quedando-se maravilhados perante o soberbo panorama que dali se avista.

Óbidos é sempre digna de se ver e, mesmo aqueles que já ali estiveram mais vezes, apreciam a visita como se nunca lá tivessem estado.

Pena é que a maioria dos monumentos nem sempre estejam patentes ao público, desiludindo os turistas, nacionais ou estrangeiros, que não vão a Óbidos só pela pousada, pelas interessantes casas de artigos de artesanato ou pelos bares ali existentes.

Nas Caldas da Rainha, onde nos encontrámos com o companheiro Dionísio dos Santos que, como já é habitual, se deslocou em transporte próprio com os seus familiares, realizou-se o combinado pique-nique, que decorreu com a maior animação, sendo muito apreciados uns filetes de camarão que por lá apareceram.

Depois do almoço, visitámos o Museu Malhoa, percorrendo com muito interesse as diversas salas, recheadas de magníficos trabalhos dos mais representativos artistas nacionais em pintura, escultura e cerâmica.

Com uma breve visita à Foz do Arelho, onde alguns não resistiram a molhar os pés, preparámos o regresso, com curta paragem em Rio Maior e demorando algum tempo na garrida Vila Franca de Xira, esfusiante de alegria por motivo da grande festa anual — o Colete Encarnado.

Em ambiente do mais são convívio, revivendo os tempos da vara e calção, recordaram-se velhas canções escotistas.

M. G.

Desilusão

Doloroso. O desinteresse circundante trai o esforço de um punhado de homens de boa vontade. Estes, roubando horas às suas ocupações ou ao merecido descanso, trabalham dedicadamente para proporcionar a um grupo mais largos momentos de são convívio e grata comunhão espiritual.

Porém, o seu esforço nem sempre encontra a merecida retribuição.

A excursão da Fraternal não foi um fracasso, porque não existem fracassos onde existe espírito escotista. Mas foi uma desilusão para aqueles que a organizaram e que contavam proporcionar a um largo número de companheiros uma jornada de alegre convívio. O número, porém, reduziu-se consideràvelmente, ao ponto de ser um arrojo levar para a frente um empreendimento que se erguera com a maior alegria e com a facilidade de uma «boa acção».

As mais diversas razões estarão na base do desencontro agora verificado, mas a Direcção da Fraternal não deve deixar-se dominar por complexos que inutilizem o seu esforço

A missão que lhe cabe é por demais elevada para que uma simples pedra no leito da estrada faça parar o carro, que todos puxam dedicada e alegremente.

Avante, pois!

COMPREENDA O PROBLEMA

O Sistema Decimal na Grã-Bretanha

Ùltimamente tem-se falado muito na adopção pela Grã-Bretanha do sistema decimal, tanto na sua moeda como nos pesos e medidas. E este assunto provoca comentários pois a muita gente se afigura incompreensível que aquele país não adopte um sistema que se revela tão prático e útil e continue praticando sistemas complexos, que dão origem a dificuldades especialmente nas relações comerciais com o estrangeiro.

O que muitas vezes se ignora ou não se conhece em toda a amplitude são os problemas difíceis que aquele país terá de solucionar para adoptar o sistema decimal. Se meditarmos um pouco no problema, lembrar-nos-emos de que vivemos numa época em que a mecânica é utilizada em todos os sectores da vida, no comércio, na indústria, nas ciências, nas escolas e que, portanto, todos esses mecanismos estão preparados naquele país para trabalhar com pesos, medidas ou moedas de natureza completamente diferente do sistema decimal. Se a Grã-Bretanha resolvesse adoptar de imediato este tão prático sistema, todas as máquinas de contabilidade, de calcular, registadoras, balanças, máquinas de «sirva-se a si próprio» ficariam inúteis.

Para se fazer uma pálida ideia da complexidade do problema bastará saber-se que, segundo cálculos feitos em 1963, se o sistema decimal fosse adoptado na Grã-Bretanha até 1967, as despesas que tal medida provocaria elevar-se-iam a 109 milhões de libras, ou seja, em moeda portuguesa 8 720 000 contos. A divisão desta verba está assim calculada :

Para a conversão e substituição de máquinas de calcular comerciais — 66 milhões de libras (5 280 000 contos).

Para a conversão de máquinas de meter moedas, telefones, etc. — 16,5 milhões de libras ou seja 1 320 000 contos.

Para a emissão de moedas novas, de que seriam necessárias, até 1967, 506 milhões de moedas, — 22,5 milhões de libras, o equivalente a 1 800 000 contos.

Despesas bancárias de alteração monetária — 3 milhões (240 000 contos).

Despesas administrativas e publicitárias — 1 milhão de libras (80 000 contos).

Devemos ainda notar que estes cálculos se referem apenas a adopção do sistema decimal na moeda. Portanto, se a resolução atingisse os pesos e as medidas, estas despesas seriam incalculàvelmente maiores.

Se a operação de passagem ao sistema decimal for adiada para 1968, custará ainda mais 4,5 milhões de libras (360 000 contos) e se for adiada para 2970 custará mais 14 milhões de libras, ou seja 1 120 000 contos.

SEGUE NA PÁG. 4